

*Nascentes***A VOZ IMIGRANTE ESLAVA EM HELENA KOLODY:
DESLOCAMENTO, PERTENCIMENTO E MUDANÇA***Wellington Stefaniu**

RESUMO: A partida, a chegada, o recomeço e a esperança do retorno fizeram do *Homo Sapiens* um animal que se distingue dos demais animais pelas suas características errantes. Apesar da existência de outros seres nômades, o homem é o único capaz de estabelecer laços imaginários com o seu território, os quais são repassados, no formato de nostalgia, aos seus descendentes. Dessa forma, a ideia de um sujeito imaginário que pertencia a uma pátria e criou novos laços em outro território, agregando, à sua cultura a cultura de outros povos que habitam a nova pátria, mostra-se como um paradoxo entre o pertencimento e o não-pertencimento, considerando que as nações, assumem o papel de comunidades imaginadas. Partindo desse princípio, o presente trabalho buscará elementos diaspóricos nos poemas da paranaense Helena Kolody, os quais evidenciam a mescla cultural das comunidades ucranianas estabelecidas no Brasil da metade do século XIX até o início do século XX entre a cultura eslava e a brasileira. Logo, a representação do imigrante ucraniano no Brasil abordará o hipotético surgimento de um novo sujeito, miscigenado por duas culturas, o qual cria raízes com o novo lugar sem esquecer da terra dos seus antepassados. Para tanto, serão levadas em consideração as teorias acerca da diáspora, em especial àquelas discutidas por Stuart Hall, bem como dos estudos culturais, pela voz de Terry Eagleton, os quais, somados à teoria literária, terão seu escopo voltado aos versos da escritora supracitada, em um movimento analítico e teórico.

Palavras-chave: Diáspora; Transculturização; Imigrantes Ucranianos; Poesia.

Introdução

Desde seus primórdios, o homem moderno parece conviver sob efeitos da diáspora: consoante à biologia moderna, inspirada nas teorias propostas por Charles Darwin, o gênero *homo sapiens sapiens* é o resultado do cruzamento entre o *homo sapiens* e o homem de Neandertal. O primeiro seria um ser errante, que partiu de algumas regiões da África, sem fixar raízes, enquanto o Neandertal permanecia em uma única região. Observando por esse prisma, as características atuais diaspóricas parecem mesclar essas duas práticas; partir de um lugar e fixar-se em outro, criar laços culturais, rituais, totens, tabus, são nomenclaturas que se adequam aos homens ainda na atualidade.

* Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Letras (Linguística e Literatura) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro).

Partindo dessa premissa, a presente pesquisa tomará alguns poemas escritos pela poetisa Helena Kolody, em busca de evidências que comprovem o efeito que a diáspora exerceu na escritora de descendência ucraniana, a qual pareceu sempre deslocada por sentir-se verdadeiramente brasileira, enquanto, memorava e revivia as tradições impostas pela milenar cultura eslava, transmitida pelos seus ancestrais.

Assim, o foco desse estudo apontará para a transculturação evidente nos escritos da poetisa em questão, os quais mostram influências da primeira geração modernista brasileira, tanto na forma livre de seus versos quanto na sua temática nacional, bem como da literatura japonesa, por meio dos haicais, além da temática imigrante, retratando práticas e costumes próprios da sua etnia.

Por vezes Kolody evoca um sentimento de saudades daquilo que nunca conheceu: uma terra bárbara, fria, coberta pelas estepes. Tal atitude revela um sujeito ucraniano imaginado, que existe em seus desejos de conhecer a terra dos ancestrais. Isso remonta um princípio exposto por Hall (2003, p. 26) sobre a relação de uma terra de origem e a natureza do seu pertencimento: a identidade nacional de origem exige do sujeito imaginado um nacionalismo ufanista e utópico, de uma pátria-mãe jamais vista presencialmente, antes, apenas idealizada pelas narrativas familiares.

Desse modo, a presente pesquisa será dividida em três momentos distintos. No primeiro, uma breveloquente explanação sobre a obra e a vida de Helena Kolody far-se-á necessária, haja visto que sua poesia identitária reclama o conhecimento prévio do modo de vida e da cultura da poetisa. Em seguida os estudos culturais ganharão enfoque, a partir das obras “Da diáspora: identidades e mediações culturais” (2003), de Stuart Hall, “*Cartographies of diáspora*” (1996), de autoria de Avtar Brah, “A ideia de cultura” (2011), escrita por Terry Eagleton, dentre outros teóricos que servirão de suporte para tamanha questão.

Por fim, a última parte desse estudo se concentrará na análise de alguns poemas selecionados, objetivando cumprir a resolução da problemática acerca da diáspora evidenciada na poética de Kolody, com o intuito de contextualizar os versos da autora na literatura brasileira contemporânea, apoiando-se na teoria literária brasileira, como em Bosi (2006) e Candido (2009), bem como em sua devida historiografia.

Com tal disposição, a pretensão final dos estudos prezará pela contribuição com os estudos culturais, sociais e, até mesmo, antropológicos, visto que tudo se condiciona ao comportamento humano defronte à diáspora. Outras áreas que poderão receber essa contribuição são a fortuna teórica da obra de Kolody, a qual ainda é muito escassa, bem como, ainda

que de modo parcial, a semiótica, a partir do movimento de codificação/decodificação dos símbolos e metáforas propostos pela poetisa paranaense.

A brasileira estrangeira: vida e obra de Helena Kolody

Helena Kolody foi uma poetisa paranaense filha de imigrantes ucranianos, nascida na cidade de Cruz Machado em 12 de outubro de 1912. Ficou conhecida principalmente pela sua poesia mínima, estruturada na forma de haicais. Fontes (2007, p. 170-171) apregoa que ela foi a primeira escritora brasileira, de origem ucraniana, reconhecida pelo seu talento ao desenvolver haicais japoneses, reconhecimento esse feito pela comunidade nipônica brasileira, a qual conferiu a ela o título de “haicaista”.

Em 1941 publicou a sua primeira obra, intitulada “Paisagem interior”, em uma época da qual Olavo Bilac ainda era enaltecido pelo seu evidente talento com o verso realista martelado do Parnasianismo, em sonetos carregados de perfeição rítmica e simétrica. As conquistas da primeira geração modernista ainda eram vistas como fruto de baderna, algo distante da arte. Por essa razão, e também por residir em Curitiba, cidade sem tradição literária até então, tornou-se uma escritora pouco conhecida.

Paulo Leminski, poeta Curitibaense e com relativa influência na literatura nacional na década de 60, graças ao seu relacionamento com Haroldo de Campos e breve participação no movimento concretista, foi a primeira pessoa com certo renome a se admirar pela composição poética de Kolody. Admirou-se, em especial, pelo fato de a ucraino-brasileira já conhecer e escrever haicais, estrutura essa que ele mesmo estava começando a aprender graças às suas leituras em língua japonesa:

Paulo Leminski muito a estimulou. Ele era moço, estava começando a escrever, quando falou de seu espanto por Helena já fazer haicai em 1941. Ele estava acabando de descobrir este tipo de poesia. Leminski estudou inclusive o japonês para melhor entender a essência da poesia japonesa. A amizade com Leminski, aliás, começou quando foram vizinhos no Edifício São Bernardo, Rua Dr. Muricy. Na década de 60. Helena já era autora de uns dez livros e Leminski tinha cerca de 20 anos. O poeta apresentou à poeta o movimento concretista de Haroldo de Campos. (Fontes, 2007, p.170).

A obra de Kolody aborda temáticas variadas, as quais partem de três vértices distintos, sendo a poesia onírica, a nostalgia intimista pela memória da infância e a lembrança de uma terra jamais vista, ou seja, o nacionalismo ucraniano adquirido com a tradição ortodoxa eslava, vinda de seus pais ucranianos. É justamente esse último tópico que será tomado como *corpus* da análise para o presente trabalho, tal como poderá ser percebido ao decorrer de sua leitura nas páginas posteriores.

Cultura, transculturalização e diáspora

Um dos maiores críticos da literatura na contemporaneidade e professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra, Terry Eagleton, levanta em sua obra “A ideia de cultura” (2011), várias hipóteses para definirmos esse tema, que tem sido alvo de inacabáveis discussões atualmente. Para o crítico, um dos significados que originaram a criação do termo “cultura” está interligado etimologicamente à “lavoura” ou “cultivo agrícola” (p.9), ou seja, o cultivo daquilo que cresce de forma natural, espontânea.

De acordo com Eagleton, a palavra “cultura” significa uma atividade, que ao armazenar, em si mesma, resquícios históricos, codifica questões fundamentais relativas à filosofia. Isso porque ela está ainda vinculada ao natural, considerando que para a sua existência é necessária uma dicotomia entre o natural e o artificial. Natural no contexto de derivar da natureza, sendo um produto artificial, criado pelos homens. Em outras palavras, a existência e a concepção que temos de “cultural”, tal como nos é compreendido na modernidade, implica na influência do mundo natural à humanidade e vice-versa:

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (EAGLETON, 2011, p.11)

Entramos aqui em um paradoxo: a natureza fornece a matéria-prima ao homem, para que este produza cultura, modificando, à sua maneira, a natureza. Isso pode ser relacionado aos conceitos de Joseph Campbell (2008) vistos anteriormente, de que o mito é uma narrativa de cunho escapista, que transforma a realidade de maneira idealizada, da mesma forma que a cultura transforma a natureza.

Cultura não é uma “plantação” ou “cultivo” literalmente, mas também inspira cuidados e, assim como nos mitos, existem regras criadas socialmente para a sua manutenção cultural. De tal maneira, para que uma cultura seja renovada ou se prolifere, ela precisa, assim como em uma cultura agrícola, de cuidados, precisa ser cultivada. E tal cultivo se refere a um conjunto de convenções culturais:

Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma, a qual lhe empresta algo de recalcitrância da natureza. Mas cultura também é uma questão de seguir regras, e isso também envolve uma interação entre o regulado e o não regulado. Seguir uma regra não é similar a obedecer a uma lei física, já que implica uma aplicação criativa da regra em questão (EAGLETON, 2011, p.13).

Ainda, segundo o pensamento do crítico inglês, a cultura não se opõe totalmente ao real, pois ela não pode ser entendida apenas como algo feito por e para nós mesmos. Ela pode ser feita a nós mesmos, principalmente pelo Estado, considerando que a cultura nos torna aptos a conciliar nosso “eu-individual” com o coletivo. Ela faz com que os sujeitos interajam entre si e, por meio dela, nos constituímos enquanto “seres sociais”.

Com um olhar voltado aos estudos antropológicos, Eagleton afirma que o termo “cultura” pode ser aplicado para se referir a um modo de vida singular e primitivo, que retrata justamente comportamentos “incivilizados”, tribais, em uma ordem social primitiva. Entretanto, o próprio autor comenta que essa afirmativa pode entrar em contradição quando uma cultura é elevada a uma posição de destaque por uma força política, deixando de ser arcaica para se tornar “civilizada”, ou, em outros termos, popular. Pode-se então resumir o que foi explanado até aqui sobre esse tema com a seguinte colocação:

A cultura, então, é o verso inconsciente cujo anverso é a vida civilizada, as crenças e predileções tomadas como certas que têm de estar vagamente presentes para que sejamos, de alguma forma, capazes de agir. Ela é aquilo que surge instintivamente, algo profundamente arraigado na carne em vez de concebido na mente. (EAGLETON, 2011, p.46).

Breviloquentemente, a cultura reúne em si práticas, valores, costumes e toda a sorte de crenças que determinam o modo de vida de um grupo, uma sociedade, chegando ao cúmulo de não se distinguir o social do cultural. A cultura, nesse sentido, pode ser vista como “ignorância” ou “artificial”: um conjunto de práticas passadas diretamente por meio de um “aprendizado” obtido pelo convívio gregário dos homens, que envolveu questões como mitos, rituais, costumes etc., diferente do natural, pois não é transmitida geneticamente.

Outro ponto abordado pelo crítico, sobre esse tema, é a distinção entre Cultura e cultura, ou, como salienta o autor, “Cultura e uma outra cultura” (p.60). Nesse caso, “Cultura” tem um sentido mais amplo, representando características que são comuns em todo o mundo, enquanto que “cultura” seria algo mais restrito a uma região. Por exemplo, consumir ovo cozido é um hábito quase universal, mas comer o *balut*, um ovo cozido com um embrião formado dentro dele, é próprio de culturas orientais.

De certa forma, a Cultura nega a cultura e inversamente. Quando elegemos uma cultura ao patamar de Cultura, estamos, ao mesmo tempo, renegando outras culturas, excluindo-as temporariamente da esfera social universal, afirmando que a Cultura vigente é a mais “correta” para a humanidade, da mesma forma que ao atribuímos adjetivos como “verdadeira”, “melhor”, “mais antiga” etc., a uma cultura, nos condicionamos a enxergar seu contexto em um pedestal sobremaneira individualista:

Para a Cultura, a cultura é ignorantemente sectária, ao passo que para a cultura a Cultura é fraudulentamente desinteressada. A Cultura é etérea demais para a cultura, e a cultura mundana demais para a Cultura. Nós parecemos divididos entre um universalismo vazio e um particularismo cego (EAGLETON, 2011, p.68).

O conceito supracitado por Eagleton de que a cultura tem sua raiz etimológica ligada ao cultivo agrícola e, por esse motivo, pode significar aquilo que cresce espontaneamente e que deve ser cultivado, também pode ser percebido nas definições feitas por Adolpho Crippa (1975). Crippa expõe que é próprio da natureza humana manter o “cultivo” de seus gestos, ações, hábitos e relações sociais, da mesma maneira que também cultiva relacionamentos com entidades divinas e místicas.

O homem, imerso em seu habitat, foi moldando a natureza, adaptando-a conforme suas necessidades, “domesticando” outros de sua espécie para a formação de famílias, docilizando animais para o servir de inúmeras maneiras, cultivando plantas nas proximidades de suas aldeias, objetivando suas subjetividades. Por isso, Crippa discorre que os termos “cultivar”, “pastorear” e “cultuar” mantêm relações estreitas entre si:

Cultivar é um gesto profundamente humano quanto o de cultuar. Há um culto imerso no gesto de cultivar, da mesma maneira que todo gesto de cultuar manifesta o cultivo de alguma coisa. Cuidar, pastorear, cultivar, cultuar, são gestos idênticos entre si. Trata-se sempre do homem reclinado sobre as coisas, sobre si mesmo, sobre suas significações últimas, adequando e moldando o mundo às formas que se constituem em seu espírito imaginativo e criador (CRIPPA, 1975, p.182).

A medida em que a cultura se consolidava entre os homens, as novas gerações já não precisavam realizar suas prováveis idealizações. Aliás, em um primeiro momento, sequer conseguiriam, pois a cultura de seus ancestrais surgia como primeira e única opção, “sugerindo” (ou ditando) possibilidades, antes de qualquer escolha ou decisão.

Crippa (1975, p.188) ainda acrescenta que o desmembramento de outras culturas, com suas conquistas históricas, particularidades e originalidades estão sempre unidas diretamente a uma cultura primeva, em uma “anterioridade” que também as constituem. Essa “anterioridade” é denominada pelo filósofo brasileiro como “paideuma”, termo criado pelo filósofo e etnólogo alemão Leo Viktor Frobenius, que, por sua vez, dedicou-se aos estudos das culturas africanas.

Tais hipóteses reafirmaram o conceito proposto por Eagleton sobre o fato de uma “cultura” derivar de “Cultura”. Quando “cultura” é promovida a “Cultura”, apesar de suas prováveis peculiaridades e diferenças, ela sempre permanecerá interligada, enraizada à primeira “Cultura”, enquanto que as “culturas” derivadas daquela “cultura”, que ascendeu à

“Cultura”, se eleitas forem ao mesmo patamar, também encontrarão sua gênese nas “Culturas” antepositivas.

Para Avtar Brah (1996, p. 17-19), a cultura nada mais é que a personificação da história de um grupo social. Por essa razão, ela nunca é estática mas, antes, passa por inúmeros processos de evolução. Para ela, a cultura pode ser vista como uma construção simbólica das experiências de vida de um determinado grupo. Tais características podem ser constantemente herdadas pelos indivíduos, mas irão se alterar de acordo com aquilo que cada acha mais importante para o seu cultivo, aceitando certas práticas e rejeitando outras.

Brah ainda destaca que embora possam existir inúmeros grupos em uma mesma sociedade, cada qual com o seu conjunto diferente de símbolos, “na medida em que, em determinado ponto da história, todos os grupos estão sujeitos a certas forças sociopolíticas e econômicas comuns, compartilhar alguns aspectos das culturas uns dos outros” (1996, p. 18). Isso significa que por mais que as práticas se difiram de indivíduo para indivíduo, haverá um momento em que surgirá uma intersecção cultural entre eles, uma transculturação.

Quanto à diáspora, convém associar esse termo ao consenso sobre nação, descrito por Hall (2003, p. 26). De acordo com ele, a nações não são apenas entidades política soberanas, mas também comunidades imaginadas, onde um sujeito imaginado está sempre em construção. Os elos estabelecidos entre a terra de origem e o novo território mantêm uma rede de memória entre a nova cultura e a cultura de origem.

No caso da imigração ucraniana no Brasil, representada nos poemas de Kolody, é perceptível a distinção de, ao menos, três sujeitos. O primeiro é o imigrante que, de fato, saiu do território ucraniano para se instalar no Brasil. O segundo é o filho do imigrante, brasileiro nato, mas que foi ensinado desde muito cedo a seguir todos os trejeitos da cultura eslava entre os familiares. Até o momento de sua total socialização com a cultura brasileira, seu comportamento é idêntico ao do ucraniano “legítimo”.

O terceiro e último é um sujeito polarizado, que precisa manter os costumes apreendidos em casa, mas deixá-los de lado quando participar da comunidade externa, para que seja aceito como brasileiro também. Surge, assim, um brasileiro que tem a “qualidade” de ser ucraniano também. Para Hall, (2003, p.27) isso acontece porque “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”.

Como já mencionado anteriormente, uma característica marcante da poesia tecida por Helena Kolody é o sentimento de saudade de um lugar que ela só conhece a partir das narrações feitas pelos seus ancestrais. Ou seja, ela jamais foi para a Ucrânia, mas sente melancolia quando “lembra” da sua origem. Hall defende que certas situações como guerras, a

pobreza, a falta de oportunidades, obrigam as pessoas a se dispersarem, contudo, elas são constantemente alimentadas pela esperança do seu retorno redentor, a qual é repassada aos seus descendentes como uma espécie de mito do herói, que sai de sua terra natal, cumpre a sua jornada e volta para seu país originário como vencedor de uma interminável batalha pela sobrevivência:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso lugar de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p.28).

Dessa forma, a identidade cultural ucraniana presente na poesia de Kolody está intimamente relacionada à sua natureza, ao parentesco, revelando o seu “eu” interior. Logo. O distanciamento da pátria de seus pais funciona, na verdade, como um cordão umbilical, que aviva ainda mais o patriotismo idealizado da autora, proporcionando, assim, a transculturação, a mescla entre duas culturas distintas que formam um novo ser, que não é ucraniano ou tampouco brasileiro, mas ucráino-brasileiro.

O mínimo no máximo: o poema como estrutura simbólica da diáspora

Quanto ao método de análise, optaremos por aquele proposto por Antonio Candido, em seu caderno de análise literária, *Na sala de aula*, o qual discorre, no decorrer de toda a obra, que uma análise poética deve acontecer em três níveis básicos, sendo eles o estrutural, o alegórico e o simbólico. Assim, o nível estrutural se encarrega dos prováveis sentidos por detrás de um soneto, considerado a forma perfeita da poesia, ou de um verso em prosa; o nível alegórico se responsabiliza pelas figuras de linguagem e suas prováveis significações; o último quesito, o nível simbólico, decodifica os símbolos em sua espessa camada significativa. Tal método analítico será tomado nas análises dos poemas e imagens selecionados para a presente pesquisa.

Na perspectiva do mito x poema, Bosi (1993, 149) acrescenta que o discurso da burguesia tenta manipular a natureza e a alma em nome do progresso de uma classe, a fala mitopoética se opõe às mazelas capitalistas, tentando reviver a grandeza heroica e sagrada de tempos remotos, evocando mito e poema, (*mythos* e *epos*). A poesia mítica é a resposta à modernidade, em uma tentativa de restaurar a memória deturpada pelos anseios modernos. A magia de outrora é gradativamente recomposta, ainda que os novos tempos teimem em torcer o nariz para ela.

Tal argumento, defendido por Alfredo Bosi, faz luz às teorias antropológicas e míticas de Joseph Campbell. O mito é constantemente resgatado como parte da história, algo mais profundo que a lenda; mito, história e poema se confundem em uma mesma linguagem que reluz a magnitude do homem, em narrativas heroicas repletas de codificação simbólica e metafórica. Nesse sentido, se analisarmos as teorias dos estudiosos citados acima em um movimento de analogia, é possível constatar que mito e poema não sucumbiram à contemporaneidade, mas repousam absolutos na história e na memória, tal como uma levedura que se adapta aos mais variados ambientes e temperaturas, adormecida, esperando o momento oportuno para acordar quando as condições estiverem favoráveis ao seu desenvolvimento.

A poesia do mito, consoante Bosi, reinventa imagens perdidas, fazendo da subjetividade uma sobrevivente ao que se refere ao sonho, em um “admirável mundo novo” que nega qualquer tipo de projeção simbólica, a ponto de proibir tal movimento, pois agora apenas a racionalidade daquilo que é sólido e se desmancha no ar (tal como previu Karl Marx) é importante. A função do poema, nesse âmbito, condiz com o resgate do direito ao abstrato, o espiritual encastrado na alma de cada ser humano. Logo, esse tipo de poesia será identificado nos recortes selecionados da análise a seguir.

Júdice (1998, p. 11) salienta, que a poesia decorre da linguagem em si, ou seja, um fenômeno que parte da autonomização do discurso ao real, designado pela palavra. Logo, a compreensão estaria condicionada ao conhecimento da língua enquanto código, tal como previu Ferdinand de Saussure, do contrário tornar-se-ia incompreensível. Contudo, na poesia, muitas vezes o código é deslocado em relação ao seu sentido ou à sua ordem sintática, mas isso não significa que o objetivo do poeta seja a confusão, pois esse gesto, por mais ilógico que possa parecer, está fundando um sistema de subcódigos, ancorados no código da linguagem, mas com uma lógica própria, a qual desaguará em novos sentidos.

Na sequência de suas propostas, o estudioso lusitano declara que, assim como existe um pano de fundo para conferir aspectos tridimensionais a uma tela, na poesia tal pano de fundo é conferido pela subjetividade. Esse movimento ilustra a dialética existente entre o poema e o leitor. A dialética está justamente nas projeções que serão provocadas pelo inconsciente no leitor, trazendo à tona um diálogo provocado pela subjetividade do poema e pela subjetividade do leitor. O texto poético interpela o leitor e o obriga a fazer parte da sua realidade.

A saudade do desconhecido: ecos diaspóricos em Helena Kolody

Para a presente análise, foram recortados três poemas retirados das obras “Viagem no espelho” (1988), de autoria de Helena Kolody, do caderno do Musel da Imagem e do Som (1989), assim como da revista Letras (1983), da Universidade Federal de Curitiba, nomeados “Saga”, “Emigrante” e “Refugiado”, todos escritos com versos livres, abordando a temática diaspórica da imigração. A medida em que os poemas sejam apresentados, serão acompanhados de suas respectivas análises, tal como é possível verificar a seguir:

SAGA

No fluir secreto da vida
atravessei os milênios.

Vim dos vikings navegantes,
cujas naus aventureiras
traçam rotas nos mapas.

Ousados conquistadores
fundaram Kiev antiga,
plantando um marco na história.
de meus ancestrais.

Vim da Ucrânia valorosa
que foi Russ e foi Rutênia
povo indomável, não cala
sua voz sem algemas.

Vim das levas imigrantes
que trouxeram na equipagem
a coragem e a esperança.

Em sua luta sofrida,
correu no rosto cansado,
com o suor do trabalho,
o quieto pranto saudoso.

Vim de meu berço selvagem,
lar singelo à beira d'água,
no sertão paranaense.
Milhares de passarinhos
me acordavam nas primeiras
madrugadas da existência.

Feliz menina descalça,
vim das cantigas de roda,
dos jogos de amarelinha,
do tempo do "era uma vez..."

Por fim ancorei para sempre
em teu coração planaltino,
Curitiba, meu amor! (KOLODY, 1988, p.65-66).

A riqueza de informações sobre as crenças da poetisa e a sua cultura são evidentes no poema anterior. Os cinco primeiros versos evidenciam que ela conhece muito bem a história daquele país, uma das nações mais antigas da Europa e do mundo. A capital da Ucrânia, Kiev, inclusive é considerada o sítio arqueológico mais antigo da cultura eslava. Acredita-se que todas as nações vizinhas tenham se dispersado de lá, ainda no período neolítico. A segunda estrofe menciona a chegada dos Vikings, em específico de Rurik, um comerciante sueco. Consoante as “Crônicas de Nestor”, como descrito Szewciw, em seu livro intitulado *O Milênio do Cristianismo na Ucrânia* (1988), Rurik foi convidado pelas tribos eslavas a governar um novo estado, o qual passou a se chamar Rus’ de Kiev ou, como os outros povos a conheciam, Rutênia, que é o seu nome latinizado, unindo todos os povos que estavam em constante desacordo.

Os versos da autora deixam claro que os eslavos, já reconhecidamente vorazes pelas suas batalhas, uniram-se aos vikings, para que seu furor fosse ao menos organizado. Dessa forma, se os ucranianos já descendem de tribos “bárbaras” e passam a ser governados por outro bárbaro, um viking de renome no mundo antigo, seria como dizer que os ucranianos da atualidade, bem como os seus descendentes, são duplamente bárbaros. Daí a razão da autora dizer que os ucranianos não calam sua voz sem algema, ou seja, só se dão por vencidos quando perdem a batalha de fato, jamais desistem.

A partir da quinta estrofe surge uma descrição da chegada dos imigrantes no Brasil, em especial a Cruz Machado, sua cidade natal. Nesse ponto, a “qualidade” de ser ucraniano é retratada no sentido de que os imigrantes chegaram ao Brasil e, por meio de muito suor, cansaço e lágrimas, colonizaram o sertão paranaense. Começa, a partir desse excerto, um processo de transculturação: a menina de sangue e ritos ucranianos é tomada pela beleza da nova pátria, acordando com o alvoroço tropical da bulha causada pelos pássaros, revelando, posteriormente seu amor por Curitiba, cidade que representa todo o Paraná por ser a sua capital, como observado na última estrofe do poema.

Do ponto de vista estético, Kolody segue a proposta da primeira geração modernista brasileira, optando pelo uso de versos livres, sem métrica e com estrofes irregulares. A própria temática da sua poesia se parece muito com a de alguns poetas da semana de 22, como Raul Bopp e Menotti del Picchia, que por vezes descrevem a criação de um sertão brasileiro, de uma pátria legitimamente brasileira a partir da miscigenação entre os vários povos que chegaram ao Brasil.

Seguindo a perspectiva da mitopoética de Bosi (1983, p.149), o poema é justificado pelo mito do surgimento do povo eslavo, que, por sua vez, parece ter início pela mescla entre as inúmeras tribos que habitavam Kiev, as quais foram governadas por vikings suecos,

reinventando, assim, imagens pela memória discursiva, contada de geração a geração pelos ucranianos, mensagens essas com características típicas das grandes epopeias.

EMIGRANTE

Arfa, no porto, o mar.
Soluça dentro dalma do emigrante
o longo apito do navio em despedida.
Treme, na lágrima do olhar,
a paisagem da pátria.

Mas, o apelo fascinante do mar
acorda seu desejo de aventura,
o anseio de partir
em busca de uma terra prometida.

Quem dilacera assim,
entre a saudade e a esperança,
o coração do emigrante?
É a vida... é a vida... é a vida. (KOLODY, 1983, p. 215)

O poema acima remete o leitor a uma imagem do momento da partida dos imigrantes da sua terra natal, concordando com o princípio de Nuno Júdice Júdice (1998, p. 11), sobre a dialética entre o eu-lírico e o leitor ocorrer por meio de símbolos que suscitam imagens. O texto pode ser dividido em três etapas: na primeira, o imigrante (emigrante, na voz da poetisa) está prestes a sair de sua pátria, com lágrimas nos olhos marejados, com os sentimentos aflorados pelo apito do navio. Inclusive, o signo navio funciona como uma metáfora para simbolizar algo grandioso está prestes a acontecer, bem como a força que uma nave pode proporcionar em um grande percurso marítimo (Chevalier & Gheerbrant, 2012, p.632), enquanto “mar” evoca o movimento de que tudo o que sai de suas águas, retorna para ele (idem, ibidem, p. 592).

A segunda estrofe afirma que o mar desperta, no imigrante, o desejo pela aventura, enquanto a tristeza de deixar a sua terra vai dando lugar à esperança de voltar um dia para ela, reafirmando as palavras de Hall (2003, p. 28) de que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”. Esse paradoxo entre partir de seu país ou ficar nele é concluído pela terceira estrofe, a qual funciona como uma síntese das duas primeiras. Para o eu-lírico, a única responsável por esses sentimentos são as situações impostas pela vida, situações de dificuldades cotidianas que fazem com que as pessoas se dispersem de suas pátrias.

LIÇÃO

A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade

Paciente, a avó ensinava
a prostrar-se em reverência,
a persignar-se com três dedos
e a rezar em língua eslava.

De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia. (KOLODY, 1989, p. 20)

Nesse terceiro e último poema todas as tradições da cultura ucraniana entram em rota de colisão com a nova cultura brasileira. O símbolo mais eminente da primeira estrofe está centrado na palavra lamparina, sendo ela um objeto usado para clarear a escuridão, que contraria a noite. De acordo com o “Dicionário de símbolos”, de Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 535), a lamparina abriga a luz, por essa razão é a representação de Deus e da luz, bem como também pode simbolizar a transmissão da doutrina. No caso poema, a doutrina eslava do cristianismo ortodoxo estava sendo repassada de uma avó a uma menina, as quais representam, respectivamente, fim e início de um novo ciclo.

A cultura ucraniana passa a ser semeada entre a nova geração de imigrantes, dos nascidos no Brasil. A segunda estrofe identifica como isso acontecia: a avó ensinava a sua neta a se prostrar perante ao ícone da Santíssima Trindade de um modo muito peculiar, típico do povo eslavo, fazendo o sinal da cruz com três dedos, nesse caso, unindo o polegar com o indicador e o dedo médio, rezando em língua ucraniana. A menina, representante não apenas da poetisa como também de todos os brasileiros com sangue ucraniano, repetia tudo o que a senil senhora fazia, ainda que ignorasse o porquê teria que repetir suas palavras. Ao afirmar que ela própria ignorava as palavras, mas que Deus entendia mesmo assim, mostra o seu respeito ao cristianismo ortodoxo da sua família, o qual sempre permaneceu arraigado e evidenciado em sua poesia no decorrer de sua carreira.

Considerações finais

Não é segredo para ninguém que o nosso país é transcultural, miscigenado por inúmeras etnias que chegaram nesse vasto território por inúmeros motivos, como buscar refúgio da guerra, tentar a sorte em um lugar desconhecido e promissor etc. Obviamente, é muito comum que cada grupo social da mais distante cultura mantenha seus próprios trejeitos mesmo em outra pátria, porém, mais comum ainda é o fato de agregar aos seus costumes o modo de vida do lugar que o acolheu.

Sabemos que a presente pesquisa não será findada de modo algum e que o tema abordado por ela é apenas um pequeno fragmento sobre a diáspora, fenômeno presente no mundo todo, nos mais variados povos. É interessante observar que mesmo que uma nação seja, de fato, uma comunidade imaginada, que acolhe sujeitos imaginados, o nacionalismo primitivo da terra natal persevera em todos os casos, o qual é transformado pelas gerações futuras e se torna ambivalente; o patriotismo entre descendentes de ucranianos, por exemplo, mescla o amor pela Ucrânia e pelo Brasil, a terra natal dos antepassados e a terra natal dos miscigenados.

Por essas razões, seria contraditório tentar recolonizar o Brasil e privilegiar uma única cultura a despeito das outras, como tentaram fazer os românticos no século XIX, ao elevarem os aborígenes ao patamar máximo de “bons selvagens”, escolhendo algumas culturas, como os tupinambás ou os guaranis como “verdadeiros” brasileiros, esquecendo que mesmo entre eles todos eram miscigenados desde o primeiro momento de suas diásporas, quando saíram, provavelmente, do continente asiático para habitarem as Américas.

Valorizar apenas uma cultura em nosso país, conferindo a ela superioridade e hegemonia por causa de cor, opção religiosa ou costumes é assumir a animalidade humana, é o mesmo que equiparar-se aos seres desprovidos de racionalidade. Não deveriam existir fronteiras entre os homens, pois o territorialismo é típico de animais violentos. Se, como apregoa Aristóteles, o que diferencia os homens de outras criaturas é a racionalidade, deveríamos elevá-la ao patamar suprasumo da resolução de nossos problemas cotidianos, tal como pregava Antero de Quental em Portugal. Ser ucraniano, brasileiro, africano, italiano, libanês, árabe, japonês etc., é antes aceitar o fato de que todos os seres vivos, inclusive animais e plantas, merecem respeito, mas não um respeito puramente burocrático e idealizado pela política, mas antes um respeito que realmente possa ser colocado em prática porque é prazeroso fazê-lo em comunhão, em todas as partes do mundo.

THE SLAVIC IMMIGRANT VOICE IN HELENA KOLODY: DISPLACEMENT, BELONGING AND CHANGE

ABSTRACT: The departure, the arrival, the fresh start and the hope of returning made Homo Sapiens an animal that is distinguished from other animals by its wandering characteristics. Despite the existence of other nomadic beings, man is the only one capable of establishing imaginary ties with his territory, which are passed on, in the form of nostalgia, to his descendants. In this way, the idea of an imaginary subject who belonged to a homeland and created new ties in another territory, adding to its culture the culture of other peoples who inhabit the new homeland, shows itself as a paradox between belonging and not-belonging, considering that nations assume the role of imagined communities. Based on this principle, the present work will seek diasporic elements in the poems of Helena Kolody, from Paraná, which show the cultural mix of the Ukrainian communities established in Brazil from the mid-nineteenth century to the beginning of the twentieth century between Slavic and Brazilian cultures. Therefore, the representation of the Ukrainian immigrant in Brazil will address the hypothetical emergence of a new subject, mixed by two cultures, which takes root with the new place

without forgetting the land of its ancestors. In order to do so, theories about diaspora will be taken into account, especially those discussed by Stuart Hall, as well as cultural studies, by the voice of Terry Eagleton, which, added to literary theory, will have their scope turned to the verses of the aforementioned writer. , in an analytical and theoretical movement.

Keywords: Diaspora; Transculturation; Ukrainian immigrants; Poetry.

Referências

- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 4^o ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. New York: Taylor & Francis Group, 1996.
- CADERNOS do Museu da Imagem e do Som. N. 13. XAVIER, Valêncio. (editor) Curitiba, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 8^o ed. São Paulo: Ática, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *Mito e transformação*. Tradução de Frederico Ramos. São Paulo: Ágora, 2008. Traduzido de: Pathways to bliss: mythology and personal transformation.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. 4 ed. São Paulo: Unesp, 2011. 185p. Traduzido de: The Idea of culture.
- FONTES, Luísa Cristina dos Santos. A terra estrangeira de Helena Kolody. In.: *Graphos*. João Pessoa, v. 9, n. 1, Jan./Jul./2007.
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- JÚDICE, Nuno. *As máscaras do poema*. Lisboa: Arion, 1998.
- KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988.
- KOLODY, Helena. Emigrante. In.: *Revista Letras*. Curitiba: 1943, p. 149.
- SZEWCIW, I. *O milênio do cristianismo na Ucrânia*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.

Recebido em: 30/09/2022.

Aprovado em: 27/03/2023.